



REPORTAGEM ESPECIAL | PÁGINAS 5, 6, 7, 8 E 9

Etanol produzido a partir de grãos redesenha mapa energético do País

EM PAUTA

Blow, a escova inteligente que registrou faturamento de R\$ 30 milhões em 2025

Expansão da empresa é impulsionada por inovação e práticas sustentáveis

Sofia Kramp Leke
sofial@jcrs.com.br

A marca Blow - Escova Inteligente, nascida em 2019 na cidade de Porto Alegre e franqueada em 2021, é uma rede de escovarias em ampliação que oferece serviços de escova com padrão de excelência, envolvendo praticidade na hora de agendar horários e rapidez de até 45 minutos para finalização da modelagem térmica. A empresa partiu de um problema vivido por uma das fundadoras, Gabrielle Bernardon.

Rômulo Figurelli, marido de Gabrielle, sócio e CEO da empresa, explica que um dia, visitando um salão de beleza, ela percebeu que esse negócio parecia muito interessante pelo volume de clientes. “Mas a principal observação dela foi como a dona do salão estava feliz e bem arrumada, se sentindo realizada. A partir disso, querendo

a mesma coisa para ela, montamos nosso primeiro negócio”, relata o executivo, ao lembrar que, inicialmente, os clientes não acreditavam que dava para fazer a escova tão rápido, da maneira proposta, em 45 minutos. “Tivemos que adaptar e mostrar para eles que dava para fazer”, conta.

A Blow possui o slogan “lava, escova e vai”, o qual leva ao pé da letra na hora de transformar positivamente o cotidiano de sua clientela. O diferencial da escovação começa com o preço, que independe do comprimento ou tipo de cabelo, com a autogestão do cliente e até mesmo com um clube de assinatura com benefícios e descontos exclusivos.

A empresa também possui algumas práticas ESG que incluem a adoção de energia limpa e renovável nas unidades, logística reversa com compensação de 100% das embalagens (Selo Eureciclo), produtos Blow LAB 100% veganos e cruelty-free.

Em 2025, a rede fechou o ano com um crescimento de 76%, chegando em até R\$ 30 milhões de faturamento, impulsionado

pela expansão do faturamento por unidade. Foram de R\$ 7 mil de faturamento médio mensal por cadeira, para R\$ 11,5 mil por mês. Para dar conta do crescimento demasiado, os sócios fundadores, Figurelli e Gabriel, investiram na contratação de equipe, preparo dos franqueados e estrutura física da franqueadora.

“Tivemos um crescimento de mais de 70% do nosso faturamento, chegando a R\$ 30 milhões de faturamento de rede. Passamos a ser uma rede com mais de 50 franqueados. Foi o ano em que a gente mais cresceu, tanto como unidade, como faturamento e presença de marca”, comemora ele.

Ainda no mesmo período, a marca completou o projeto do modelo Smart, que consiste em uma franquia menor, com seis cadeiras e recepção 100% automatizada em totens de atendimento, onde clientes podem agendar e pagar, não só planejado para o quesito tecnológico e custo operacional, mas também para a rede alcançar localidades nas quais não cabem uma operação maior.

As primeiras unidades deste modelo foram inicialmente lançadas em Porto Alegre e Canoas, no Rio Grande do Sul, e também em Americana, São Paulo. Nos primeiros meses de implementação do modelo Smart, o faturamento cresceu 30%.

Para 2026, o primeiro semestre da Blow conta com a inauguração de 20 franquias já comercializadas. Além disso, Diego Almada, diretor de Operações e Expansão da rede, conta que a região Nordeste do País recebeu muito bem a proposta.

“Nossos estudos revelam que há um grande potencial para o modelo de negócio que oferecemos no Nordeste do Brasil. E isso se mostra de forma prática: nossa franquia de Salvador (BA) é recorde em faturamento, ultrapassando os R\$ 260 mil mensais. Já a unidade recém-inaugurada de Fortaleza alcançou faturamento de R\$ 86 mil na primeira quinzena de funcionamento”.

A projeção de faturamento para este ano é de R\$ 51 milhões e o objetivo do CEO, até o mês de dezembro de 2026, é chegar em 100 unidades comercializadas.



Temos o objetivo de estar em um processo de colocar os nossos produtos cada vez mais como um vetor de impacto socioambiental. Queremos lançar nossa escola de beleza para promover e facilitar o acesso de novos profissionais ao segmento da beleza para trabalhar, não somente na Blow, mas também nesse mercado de trabalho, além de dar acesso a pessoas que estão em vulnerabilidade.

Rômulo Figurelli
CEO da Blow

Raio X

- **Empresa:** Blow – Escova Inteligente
- **Ano de fundação:** 2019
- **Cidade de origem:** Porto Alegre (RS)
- **Área de atuação:** Escovarias (Beleza)
- **Faturamento em 2025:** R\$ 30 milhões
- **Projeção de faturamento para 2026:** R\$ 51 milhões (70% de aumento)
- **Investimentos em inovação e tecnologia:** Totem de autoatendimento, robô recrutador para as unidades, IA para suporte básico à rede
- **Práticas de inclusão social:** Programa de primeiro emprego e formação técnica, Inclusão ativa de diversidade (20% do time LGBTQIA+), Trilha de carreira estruturada para profissionais de salão.
- **Principais clientes ou segmentos atendidos:** mulheres, classe AB, de 30 a 55 anos
- **Práticas de governança:** Implementação de autogestão horizontal (Modelo Teal), Comitê Consultivo de Franqueados ativo, Prestação de contas transparente do Fundo de Marketing.



Marca nascida em 2019 e franqueada em 2021 é uma rede de escovarias em ampliação, que oferece serviços de escova com padrão de excelência

FEED



Como se tornar um ótimo chefe: Um método prático para motivar sua equipe e turbinar seus resultados; Gino Wickman; René Boer; Editora Sextante; 160 páginas; R\$ 54,90; Disponível em versão física e digital

Gestão e Liderança

Lançado no começo deste mês, no livro os autores Gino Wickman e René Boer apresentam uma abordagem única e inovadora para melhorar o desempenho do time no ambiente de trabalho. Para eles, a diferença entre um grupo que trabalha no piloto automático e outro que faz acontecer quase sempre se resume a ter ou não um ótimo chefe.

Neste livro, os autores apresentam ferramentas práticas para ajudar chefes de todas as áreas a se aperfeiçoar. O leitor conseguirá adquirir experiência e aprender a: delegar de modo eficaz e assim ter tempo para as tarefas de liderança e gestão, avaliar sua equipe e se cercar de

pessoas ótimas, comunicar-se com fluidez e clareza, lidar com colaboradores que não atendam às expectativas, aplicar as cinco práticas de liderança e as cinco práticas de gestão que os melhores chefes usam.

Segundo os autores, seus funcionários são a principal vantagem competitiva. Quer você os tenha contratado ou herdado de outros gestores, deve assumir a responsabilidade por eles, porque são seu recurso mais valioso. Para garantir que o sucesso se torne um hábito, eles aumentam continuamente as expectativas e os incentivam a alcançar padrões elevados. Assim fazem com que deem seu melhor todos os dias.



365 dias para se tornar o dono que sua empresa precisa; Rodrigo Baraldi; Unno_Buzz Editora; 400 páginas; R\$ 99,90; Disponível em versão física e digital

Transformação

O livro é escrito por Rodrigo Baraldi, advogado, empresário e conselheiro estratégico em M&A. Ele possui formação multidisciplinar em direito societário, tributário, contabilidade, finanças, governança e M&A, além de fundador da Gerando Equity Club, mentoria que prepara empresários para vender suas empresas. Este é um manual diário baseado em duas décadas de experiência real, durante a leitura, se encontra clareza sobre o papel e a responsabilidade do dono na construção de empresas sólidas.

Método, cultura e estratégias bem definidas são essenciais

para garantir o crescimento saudável a longo prazo. O leitor passará por uma jornada prática que prepara o empresário para liderar com coragem e se tornar o dono que sua empresa precisa. Presente nas páginas, exercícios diários, conhecimento técnico prático e reflexões profundas. Uma reflexão por dia para te transformar no líder que você sempre quis ser. Trata-se também de um devocional financeiro, que se pode começar a qualquer dia, para se tornar um líder excepcional e conseguir alavancar empresas. Segundo o autor, quem não domina a si mesmo, nunca dominará uma empresa.

Tecnologia

O livro "Blockchain em Português Claro: Guia Para Iniciantes" de Darlan Alves, especialista em criptoativos e educador financeiro, lançado em parceria com a AVO Educacional, une tecnologia, educação e impacto social. Blockchain é um livro-razão digital e imutável, o qual permite registrar transações e rastrear ativos em uma rede de negócios. O livro-razão opera também como um banco de dados que fornece uma fonte única da verdade, se conectando por uma cadeia de blocos.

Ao longo da leitura, o autor constrói o conhecimento de forma progressiva, começando por fundamentos básicos

e avançando para temas mais atuais, como tokenização de ativos, DAOs e o futuro da economia descentralizada. Esse formato acompanha o ritmo natural de aprendizado e, consequentemente, ajuda o leitor a conectar

teoria e aplicação prática no cotidiano financeiro.

A partir da origem do conteúdo, baseada na experiência do autor como assessor de investimentos e educador financeiro, o livro cria um caráter prático e orientado para todas as dúvidas reais do público. O leitor é convidado a entender uma tecnologia que faz parte do cotidiano, através de pagamentos digitais, novos meios de investimento, contratos automatizados.



Blockchain em Português Claro: Guia Para Iniciantes; Darlan Alves; R\$ 49,90; Pode ser adquirido diretamente com o autor pelo Instagram @darlan.onilx



CIEE-RS oferece Oficinas Digitais gratuitas para desenvolvimento pessoal e profissional

Ampliar o acesso a conhecimentos que apoiem a vida profissional e o desenvolvimento pessoal é uma das formas mais consistentes de gerar oportunidades. Com esse propósito, o CIEE-RS mantém as Oficinas Digitais, iniciativa gratuita e on-line que reúne capacitações em temas atuais, contribuindo para o fortalecimento de competências essenciais no mundo do trabalho e no cotidiano.

As oficinas são abertas ao público, sem exigência de idade, escolaridade ou vínculo com programas da instituição. Ao se inscrever, o participante acessa conteúdos preparados por especialistas, realiza atividades para fixação do aprendizado e, ao final, recebe certificado de conclusão, que pode ser utilizado como complemento à formação e ao currículo profissional. A iniciativa reforça o compromisso da instituição com a democratização do conhecimento e com a promoção de trajetórias mais autônomas e sustentáveis.



"Com as Oficinas Digitais, buscamos ampliar oportunidades de desenvolvimento em diferentes dimensões, oferecendo conteúdos que dialogam tanto com as demandas do mercado quanto com aspectos fundamentais da vida em sociedade, como bem-estar, organização e tomada de decisão", destaca Lucas Baldisserotto, CEO do CIEE-RS.

No mês de fevereiro, estão abertas quatro oficinas digitais: Promoção à Saúde Física e Mental, com orientações voltadas ao cuidado e ao bem-estar; Construindo Meu Plano de Desenvolvimento Individual (PDI), que apoia a definição de metas e o planejamento de carreira; Informações sobre a NR-1, com conteúdos introdutórios sobre segurança e responsabilidades no ambiente de trabalho; e Mente & Dinheiro: Como Tomamos Decisões, que aborda a relação entre comportamento, escolhas e educação financeira.

As capacitações ficam disponíveis até o final do mês de fevereiro, com inscrições realizadas pela plataforma Conjuntos.

Mais informações podem ser acessadas no portal cieers.org.br/portal/oficinas-digitais.

www.cieers.org.br
(51) 3363-1000





VISÃO EMPRESARIAL

Milena Waitikoski Pedrosa

Diretora de Comunicação do Instituto de Estudos Empresariais (IEE)

O País da catarata

Dizem que a cirurgia de catarata devolve ao mundo os seus contornos mais nítidos. As cores voltam a ter bordas, os rostos recuperam rugas e aquela névoa que confundia longe com perto finalmente se dissipa. Pois bem, o presidente da República passou pela cirurgia recentemente. Mas e o Brasil, será que agora também poderia ir para uma sala de recuperação?

Luiz Inácio Lula da Silva agora enxerga melhor. Será que vê o carrinho do supermercado mais vazio e a conta mais alta? Será que consegue ver o empreendedor que adia investimento porque a regra muda no meio do caminho? Ou o trabalhador que descobre que o salário continua o mesmo, mas os impostos encontraram novas formas de crescer?

Há quem diga que o problema do País sempre foi miopia seletiva. Vê-se com lupa o que convém, desfoca-se o que incomoda. Nos últimos tempos, o foco esteve em arrecadar mais – por decreto, por acordo com o Legislativo, por criatividade tributária –, como se o problema brasileiro fosse a falta de receita, e não o excesso de gasto mal avaliado.

Enquanto isso, a promessa de responsabilidade fiscal vive de óculos emprestados e fajutos, pois segue premiando o conforto institucional: penduricalhos milionários no Poder Judiciário, livres de imposto e julgados pelos próprios beneficiários; servidores que não podem ser demitidos mesmo quando erram reiteradamente; privilégios defendidos como se fossem cláusulas pétreas da civilização. Todos vivendo sob a mesma crença: a de que alguém sempre pagará a conta. E nós sabemos quem.

Talvez o problema do País nunca tenha sido falta de visão,

mas excesso de ilusão. Vivemos na República da Barbadinha, onde tudo parece ter alto retorno, baixo risco e alguém sempre disposto a pagar a conta depois. O banco que promete CDBs pagando 130% do CDI amparado pela crença quase religiosa de que o FGC estará lá, como um pai indulgente dizendo “deixa que eu pago”. O investidor finge que não vê o risco; o sistema finge que isso não cria incentivos perversos. Quando a conta chega, todos se espantam, como se existisse almoço grátis.

Uma catarata removida poderia ajudar a ver o óbvio: a inflação não é um capricho estatístico, mas uma fila no açougue; a incerteza regulatória não é um debate acadêmico, mas investimentos que não nascem; o gasto público sem lastro não é generosidade, é uma conta enviada ao futuro, com juros. Crescimento econômico não é um slogan, é um método – pre-

visibilidade, incentivos corretos, respeito às regras.

Guimarães Rosa diria que enxergar é um exercício de honestidade. Concordo. Governar também deveria ser. O País precisa menos de colírios re-

tóricos e mais de visão periférica, aquela que percebe consequências antes de bater no poste. Enxergar melhor, aqui, não é ver mais Estado, é ver limites. Não é ver mais impostos, é ver produtividade. Não é ver inimigos imaginários, é ver cidadãos reais.

Se a cirurgia serviu para algo além do boletim médico, fica o convite: venha ver o Brasil de frente. Além de observar, escute mais quem pensa diferente, converse não só com os amigos da bolha míope que aplaude. Às vezes, uma boa conversa vale mais que um novo grau nos óculos. E, quem sabe, ajuda a ajustar a lente que o País espera há décadas.

Há quem diga que o problema do País sempre foi miopia seletiva. Vê-se com lupa o que convém, desfoca-se o que incomoda

OPINIÃO

Produtividade com propósito: quando a gestão da vida impacta os resultados profissionais

Júlia Neves

Advogada, doutora em Direito e professora universitária

Em nossas vidas, assumimos múltiplos papéis: mãe, esposa, profissional, amiga. Cada um traz responsabilidades e expectativas. Em uma sociedade hiper conectada, marcada pela ostentação e distrações, sentimo-nos obrigados a parecer felizes, consumir o que está na moda e seguir padrões externos. Vive-se no automático, perdendo o que nos diferencia: nossa essência.

Em 2025, eu e meu marido lançamos um livro chamado “Escolha ser +FFRI: e seja +Livre todos os dias da sua vida”, no qual relatamos o modelo de vida que desenvolvemos nos últimos cinco anos, detalhando a forma como gerenciamos nosso dia a dia, nossa energia e nosso foco para ser +Feliz, +Fit, +Rico e +Inteligente.

Desde que começamos a falar sobre a vida +FFRI, muitas pessoas nos dizem: “mas isso é o que todo mundo quer”. E é verdade. Querer todo mundo quer, mas por que será que apenas poucos conseguem? Posso listar três motivos principais.

1. A ilusão da perfeição: Muitos idealizam a vida +FFRI como um estado inalcançável, uma vida sem problemas. Não compreendem que não se trata de chegar ao topo, mas de uma jornada contínua para ser um pouco melhor a cada dia em cada pilar.

2. O apego aos vícios: Muitos querem virtudes, mas não abrem mão de hábitos nocivos: fofocas, reclamações, gastos impulsivos e alimentação desregrada. Querem foco, mas entregam-se às distrações.

3. A busca por atalhos: Ao falar na mudança de hábitos, recorrem a fórmulas mágicas, como dietas milagrosas ou apostas, em vez

de assumir o compromisso real.

Ser +FFRI não é sobre ser perfeito, mas ser consistente. É entender que o equilíbrio perfeito não existe, mas a evolução diária sim! É difícil, mas possível.

Com essa clareza, você percebe que não é preciso sacrificar um pilar pelo outro, desde que sacrifique seus vícios e distrações improdutivas. Você não precisa abrir mão da família para prosperar, nem negligenciar sua saúde para ter sucesso. Troque a palavra equilibrar pela palavra conciliar. Conciliar trabalho e saúde, curto prazo e longo prazo, família e estudo... Pequenos passos diários formam o verdadeiro caminho para a vida +FFRI.

Conciliar trabalho e saúde, curto prazo e longo prazo, família e estudo... pequenos passos diários formam o verdadeiro caminho para a vida +FFRI (+Feliz, +Fit, +Rico e +Inteligente)



Famílias empresárias: quando encerrar é a solução

Laís Machado Lucas

Advogada de Famílias Empresárias

Grande parte das empresas brasileiras foi construída por famílias empresárias, movidas por um desejo legítimo: unir patrimônio, trabalho e afeto em torno de um projeto comum. São negócios criados com o propósito de durar, gerar valor e transmitir um legado às próximas gerações. Com o tempo, porém, contextos mudam – e os membros da família também. Em certos momentos, manter a sociedade pode deixar de fazer sentido. Reconhecer isso é parte do amadurecimento.

Essa percepção não costuma surgir de forma abrupta. Ela se forma aos poucos, em meio a reuniões tensas, promessas revisitas e conflitos recorrentes. Até que surge a pergunta que exige coragem: como encerrar uma so-

ciedade familiar sem romper os vínculos que ainda valem a pena?

Esse ponto de virada é delicado. Envolve culpa, expectativas frustradas e medo de ferir laços afetivos. Mas admitir que a estrutura vigente já não sustenta o negócio pode ser o passo mais responsável. Não se trata de abandono, mas de reorganização – e, muitas vezes, de proteção ao patrimônio e às relações.

Felizmente, há caminhos legais que tornam esse processo menos doloroso. A cisão empresarial, por exemplo, permite dividir a empresa em unidades distintas, cada uma sob a gestão de um ramo da família. Quando bem estruturada, essa solução oferece mais autonomia e menos atrito, mantendo a viabilidade econômica.

Outra alternativa é a dissolução parcial: o negócio continua, mas sem os sócios que optam

por sair, recebendo seus haveres de forma justa. Para muitas famílias, é um modo eficaz de preservar o negócio sem impor convivência desgastante.

Há ainda casos em que a venda total é o caminho mais sensato. Quando ninguém deseja seguir à frente, ela pode representar uma transição honesta e libertadora.

Independentemente da decisão, o planejamento é essencial. Empresas familiares que investem em contratos sociais bem elaborados, acordos de sócios atualizados e protocolos familiares claros têm melhores condições de conduzir essas transições com equilíbrio e segurança. Regras definidas sobre critérios de saída, prazos, formas de pagamento e destinação de bens ajudam a evitar disputas judiciais e protegem o que ainda pode – e deve – ser preservado.

REPORTAGEM ESPECIAL

Brasil acelera ciclo industrial dos biocombustíveis

Thiago Copetti
Especial para o JC

Inexistente ou rara há dez anos, a expansão no número de usinas de biocombustíveis no Brasil anda em velocidade máxima - criando um novo segmento produtivo que já pode ser medido em escala industrial.

Atualmente, o País conta com cerca de 25 usinas de etanol de milho em operação, outras 18 unidades estão em construção e aproximadamente 19 projetos adicionais já estão mapeados para os próximos anos, entre fases de licenciamento, engenharia e anúncio público.

Na prática, isso significa que o Brasil tem mais de 60 usinas de etanol de grãos no pipeline, consolidando um dos ciclos mais acelerados de industrialização energética da sua história recente.

O movimento ocorre em paralelo à expansão do biodiesel, do biometano e de projetos híbridos que integram produção de combustível, ração animal e energia.

Embora o País tenha chegado mais tarde à industrialização de biocombustíveis baseados em grãos, agora recupera o tempo e o faz com vantagens estruturais relevantes: abundância de milho, trigo e soja,

escala agrícola, matriz energética majoritariamente renovável e um mercado interno robusto.

O efeito prático é uma mudança estrutural na lógica do grão. Milho e trigo, antes exportados como commodities em sua maioria, passam a ser processados dentro do País, ampliando o valor agregado, gerando empregos industriais e fortalecendo economias regionais.

No caso do etanol de grãos, subprodutos como o DDG/DDGS nutrem as cadeias de ração animal, consolidando um modelo de economia circular no qual energia e alimentos caminham juntos.

Esse novo mapa industrial se concentra principalmente no Centro-Oeste, com o etanol de milho, e avança rapidamente no Sul, onde surgem projetos de biodiesel cooperativo e iniciativas pioneiras como o etanol de trigo no Rio Grande do Sul, estado historicamente dependente da importação de etanol.

Brasil já tem mais de 60 usinas de etanol de grãos

- ▶ 25 usinas em operação
- ▶ 18 usinas em construção
- ▶ 19 usinas projetadas para os próximos anos

FONTE: DATAGRO

Estados-chave no novo setor

Centro-Oeste (coração do etanol de milho)

- 1 Mato Grosso
- 2 Mato Grosso do Sul
- 3 Goiás

Sul (nova fronteira industrial)

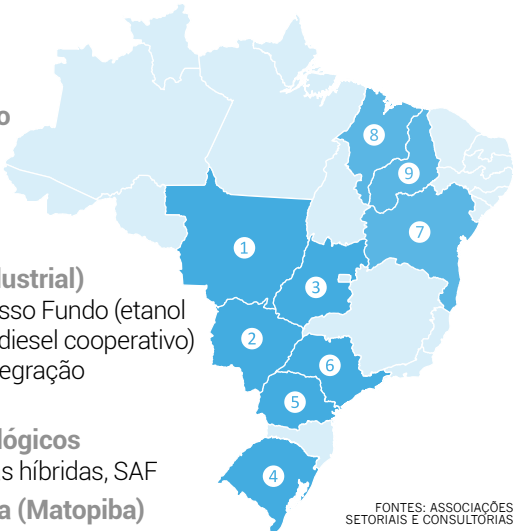
- 4 Rio Grande do Sul: Passo Fundo (etanol de trigo) e Cruz Alta (biodiesel cooperativo)
- 5 Paraná: biodiesel e integração cooperativa

Sudeste e hubs tecnológicos

- 6 São Paulo: P&D, usinas híbridas, SAF

Nova fronteira agrícola (Matopiba)

- 7 Bahia
- 8 Maranhão
- 9 Piauí (projetos em fase inicial)



FONTES: ASSOCIAÇÕES SETORIAIS E CONSULTÓRIAS

Leia mais nas próximas páginas >>



PETROBRAS/DIVULGAÇÃO/JC

REPORTAGEM ESPECIAL

BEB/DIVULGAÇÃO/JC



Passo Fundo abrigará a primeira usina brasileira de etanol a partir de trigo, da Be8, e irá transformar grãos até então exportados como commodities em combustível, energia, ração e empregos

Estado avança na produção de biocombustíveis

Cadeia transforma grãos em energia e reposicionam o Rio Grande do Sul no mapa da indústria verde

Thiago Copetti

Especial para o JC

Por décadas, o Brasil ocupou posição de destaque global na produção de biocombustíveis, mas quase sempre restrito ao etanol de cana-de-açúcar e ao biodiesel de soja. Agora, o setor entra em uma nova fase. O País passa a transformar grãos antes exportados como commodities em combustível, energia, ração e empregos, inaugurando um ciclo de industrialização que reposiciona regiões inteiras — com destaque para o Rio Grande do Sul.

Embora o Brasil tenha chegado mais tarde à industrialização de biocombustíveis baseados

em grãos, o movimento ocorreu com vantagens estruturais relevantes: abundância agrícola, escala produtiva, matriz energética limpa e um mercado interno robusto.

Políticas como o RenovaBio criaram previsibilidade regulatória e atraíram investimentos privados e públicos, acelerando projetos industriais em diversas regiões e atraindo bilhões em investimentos privados e públicos, sobretudo via BNDES e bancos regionais.

Do porto para a indústria, grãos como milho, trigo e soja deixam de ser exportados in natura e passam a ser processados localmente. Isso amplia o valor agregado, gera empregos industriais e fortalece economias regionais. No etanol de grãos, subprodutos como DDGS passam a integrar cadeias de ração animal, consolidando um modelo de economia circular.

O mapa das usinas de biocombustíveis se expande principalmente no Centro-Oeste e no Sul. Há crescimento em etanol de milho, biodiesel em polos cooperativos, biometano a partir de resíduos agroindustriais e projetos híbridos que integram energia, ração e cogeração elétrica. Em paralelo, surgem iniciativas voltadas a combustíveis avançados, como o SAF para aviação.

Historicamente dependente da importação de etanol, o Rio Grande do Sul passa a ocupar posição estratégica nesse novo ciclo. O Estado abrigará a primeira usina brasileira de etanol a partir de trigo, operada pela Be8, em Passo Fundo, e avança com projetos industriais de grande escala, como a usina de biodiesel que unirá três cooperativas em Cruz Alta.

Esses empreendimentos representam uma mudança estrutural: o grão deixa de sair pelo

porto e passa a girar na economia regional, integrando agricultura, indústria, logística e energia.

O avanço do setor também é impulsionado por fornecedores de tecnologia e biosoluções. A Novonesis, resultado da fusão entre Novozymes e Chr. Hansen, ocupa posição central no fornecimento de enzimas e leveduras para etanol de grãos no Brasil.

No Teco 2025, evento que reuniu executivos, investidores e instituições financeiras, foram debatidos desafios como energia térmica, diversificação da origem agrícola, valorização de coprodutos e exigências crescentes de sustentabilidade.

O consenso é que o crescimento do setor dependerá da integração entre tecnologia, planejamento industrial, financiamento estruturado e políticas públicas estáveis. Outra multinacional que colocou a lupa no mercado brasileiro é a Katzen

International. Com mais de 150 projetos em cerca de 40 Países, a empresa atua como engenharia de processo, desenhando plantas industriais completas para diferentes matérias-primas.

Também na linha de frente do setor, o Rio Grande do Sul está representado em espaço relevante. O ex-deputado Jerônimo Goergen ocupa agora o cargo de presidente da Associação dos Produtores de Biocombustíveis do Brasil (Aprobio). Goergen foi deputado federal pelo Rio Grande do Sul durante dois mandatos — entre 2011 e 2019 — e um dos idealizadores e o primeiro presidente da Frente Parlamentar Mista do Biodiesel (FPBio).

Atualmente, ele preside a Associação das Empresas Cerealistas do Brasil (Acebra), cargo que deverá manter. O gaúcho é autor da PL 528/2020, que uniu outros projetos e deu origem à atual Lei do Combustível do Futuro.

As usinas em território gaúcho

Primeira usina de etanol a partir de trigo em operação

A **Be8** está erguendo a primeira usina brasileira de etanol de trigo em **Passo Fundo**, no Norte do Estado.

A unidade foi projetada para processar cerca de **525 mil toneladas de cereais por ano** — incluindo trigo, triticale e milho.

Terá capacidade para produzir **aproximadamente 210 milhões de litros de etanol**, além de **153 mil toneladas de farelo (DDGS)** e cerca de **27 mil toneladas de glúten vital** (que poderá ser exportado para países como Chile e usado na alimentação de peixes).

O projeto, orçado em mais de R\$ **1 bilhão** com financiamento do BNDES, deve iniciar operações no **final de 2026**.

Projeto avança em Cruz Alta

Soli3 — Cooperativas Cotrijal, Cotrisal e Cotripal

Projeto de usina industrial de biodiesel em **Cruz Alta (RS)**, com investimento total estimado em **R\$ 1,25 bilhão**.

O complexo poderá processar até **1 milhão de toneladas de soja por ano**, incluindo a produção de biodiesel, óleo degomado, farelo de soja, glicerina e casca peletizada.

Geração de emprego estimada em cerca de **1.000 postos** durante a construção e 150 diretos em operação mais 500 indiretos.

Previsão de entrada em operação entre **final de 2027 e início de 2028**.

A planta contará também com estrutura ferroviária, possibilitando **escoamento até o Porto de Rio Grande**, fortalecendo a logística estadual.

Aposta tardia, mas com vantagens estruturais

Embora o Brasil seja reconhecido como pioneiro em biocombustíveis desde os anos 1970, com o Proálcool, a expansão industrial baseada em grãos ocorre de forma relativamente tardia quando comparada a mercados como os dos Estados Unidos e da União Europeia.

O cenário internacional é diverso e mais consolidado. Nos Estados Unidos, o etanol de milho se consolidou como indústria ainda nos anos 2000, apoiado por forte política industrial e segurança regulatória.

No Brasil, fatores como a prioridade histórica ao etanol de cana, a rentabilidade da exportação de grãos e a ausência de um marco regulatório robusto retardaram esse avanço. Esse cenário começou a mudar com a criação do RenovaBio, em 2017, política nacional que estabeleceu metas de descarbonização para o setor de combustíveis e criou os créditos de descarbonização (CBIOS).

A partir daí, o setor passou a operar sob uma lógica mais previsível, atraindo investimentos privados e financiamentos públicos, sobretudo via BNDES e bancos regionais de desenvolvimento. O resultado é um mercado em expansão, que hoje já não se limita à substituição parcial



Milho, trigo e soja geram cadeias produtivas mais longas e complexas

de combustíveis fósseis, mas se apresenta como estratégia de reindustrialização verde.

Um dos principais diferenciais desse novo ciclo de investimentos está na transformação da lógica tradicional de exportação. Grãos como milho, trigo e soja, antes escoados quase integralmente como commodities in natura, passam a ser processados dentro do País, gerando cadeias produtivas mais longas e complexas.

Na prática, isso significa mais valor agregado por tonelada pro-

duzida; geração de empregos industriais e logísticos; fortalecimento de economias regionais; aproveitamento de subprodutos com destino à ração animal e à produção de energia.

No caso do etanol de grãos, por exemplo, o processo gera subprodutos como o DDG/DDGS, amplamente utilizado na alimentação de aves, suínos e bovinos. Trata-se de um modelo de economia circular, no qual energia e alimento caminham juntos, reduzindo desperdícios e ampliando a eficiência do sistema produtivo.

Que mercado é esse, afinal?

Dentro do “guarda-chuva” dos biocombustíveis estão:

- ▶ Etanol de milho
- ▶ Biodiesel (soja, sebo, óleos)
- ▶ Biometano
- ▶ Bioquerosene / SAF (aviação)
- ▶ Diesel verde (HVO)

Por que o Brasil demorou?

- ▶ Foco histórico em etanol de cana-de-açúcar
- ▶ Exportação de grãos parecia mais simples e rentável
- ▶ Falta de política industrial clara até recentemente
- ▶ Mercado de SAF ainda embrionário

Por que agora faz sentido?

- ▶ Pressão climática global
- ▶ Aviação buscando SAF
- ▶ Europa restringindo combustíveis fósseis
- ▶ Grão valorizado não só como alimento, mas como energia
- ▶ O ganho estrutural: sair da commodity

Cenário atual:

- ▶ Milho e soja exportados in natura
- ▶ Pouco emprego local
- ▶ Baixo valor agregado
- ▶ Grão vira combustível
- ▶ Resíduo vira ração (DDG/DDGS)
- ▶ Cadeia local: logística, indústria, energia e pecuária integrada

Resíduo que vira negócio (economia circular):

- ▶ Subprodutos das usinas
- ▶ DDG/DDGS - ração animal
- ▶ Vinhaça - fertilização
- ▶ Biogás - energia / biometano

Incentivos públicos e política industrial: (Políticas Recentes e Marcos Legais)

- ▶ Lei nº 13.576 – RenovaBio (2017) instituiu a política que hoje rege metas e certificação de biocombustíveis no Brasil.
- ▶ “Lei Combustível do Futuro” (Lei nº 14.993/2024) amplia diretrizes para combustíveis com baixo carbono.
- ▶ RenovaBio
- ▶ Créditos de descarbonização (CBIOS)
- ▶ Financiamento do BNDES
- ▶ Incentivos estaduais (ICMS, terrenos, infraestrutura)

Pontos fortes do Brasil:

- ▶ Aviação internacional pressionada
- ▶ País com matriz energética limpa
- ▶ Capacidade de escala



O Rio Grande do Sul no cenário

O Estado, tradicionalmente dependente da importação de etanol e biocombustíveis, tornou-se um polo emergente no setor — com pioneirismo na produção de etanol a partir de trigo, projetos industriais cooperativos e iniciativas para diversificar a matriz de biocombustíveis com foco em valor agregado e desenvolvimento regional.

O mapa das usinas, expansão nacional e diversificação tecnológica:

Dados da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) indicam crescimento consistente no número de unidades produtoras de biocombustíveis no País, especialmente no Centro-Oeste e no Sul. Além das usinas em operação, há dezenas de projetos em fase de licenciamento, construção ou anúncio público.

O movimento envolve etanol de milho no Centro-Oeste; biodiesel em polos cooperativos do Sul; biometano a partir de resíduos agroindustriais e projetos híbridos que integram energia, ração e cogeração elétrica.

Olhar atento ao novo ciclo da produção de grãos

Thiago Copetti
Especial para o JC*

Em uma indústria marcada por rápidas transformações, o evento Teco 2025, promovido pela Novonosis, consolidou-se como um espaço de diálogo e reflexão estratégica para o futuro do etanol de grãos no Brasil. Realizado nos dias 30 de setembro e 1º de outubro de 2025, no Grand Hyatt, em São Paulo, o encontro reuniu executivos, investidores, associações e instituições financeiras para discutir as principais tendências e desafios do setor.

Empresa global de biossoluções, resultado da fusão entre Novozymes e Chr. Hansen, a Novonosis opera em diversos segmentos industriais e agrícolas. No Brasil, ela se destaca como fornecedora de enzimas e leveduras para a produção de etanol de milho — representando uma parcela expressiva desse mercado e liderando o fornecimento local de tecnologias biológicas que são insumo essencial para a fermentação industrial.

Essa posição de liderança tem permitido à Novonosis não só abastecer usinas já em operação como também acompanhar o crescimento de novos projetos, muitas vezes desde o início das operações, fortalecendo sua relevância na cadeia de valor.

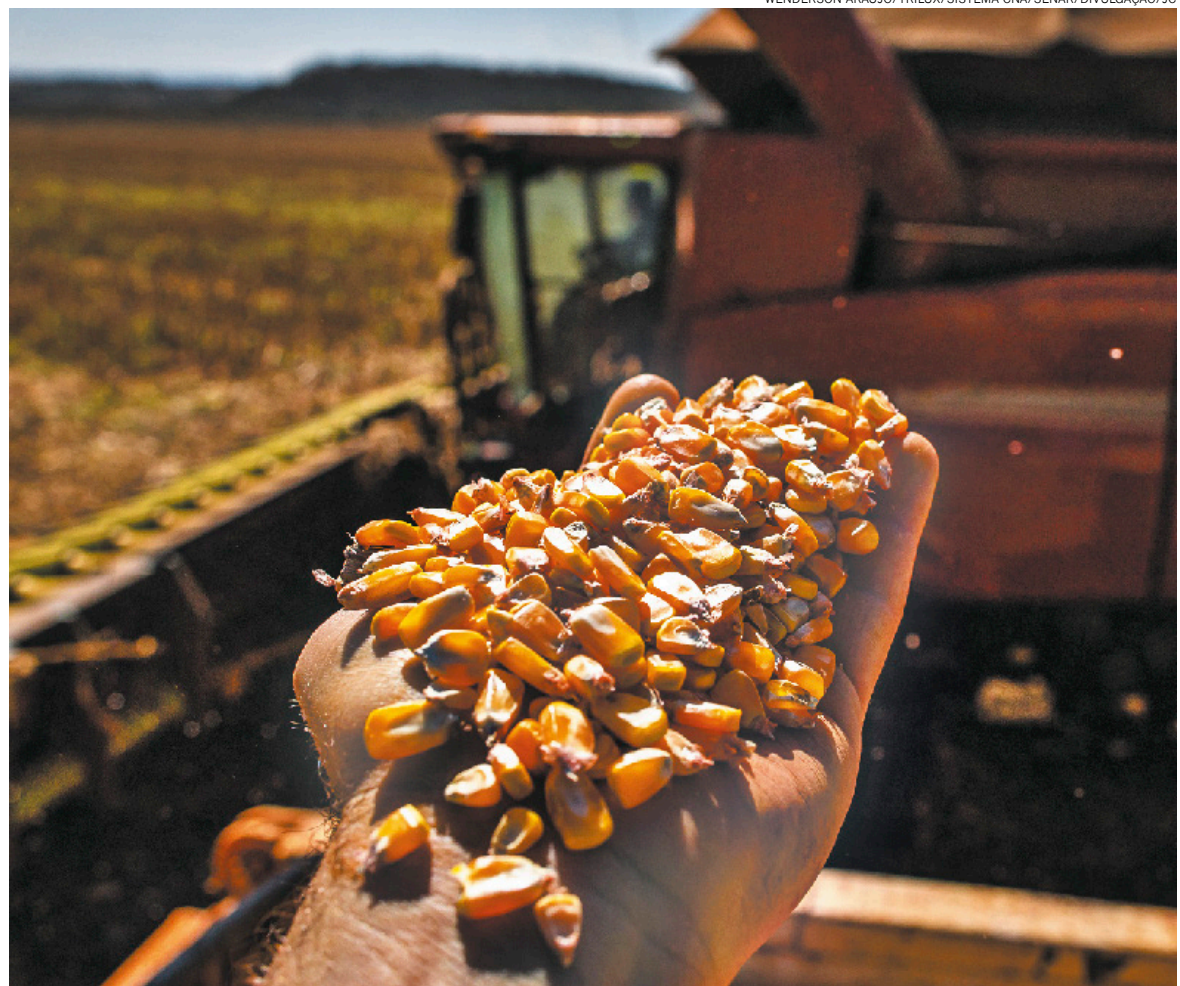
O Teco 2025 reuniu cerca de 20 empresas e instituições financeiras, incluindo produtores de tecnologia, consultorias, usinas

e players do mercado de bioenergia. O Itaú BBA apresentou análises de mercado, dimensionando fluxos de investimento, avaliando riscos e oportunidades, reforçando que o crescimento do setor é tanto industrial quanto financeiro.

O evento trouxe debates sobre sustentabilidade, origem de grãos, valorização de coprodutos e expansão industrial. Vários casos de empresas do Rio Grande do Sul, de São Paulo e de outras regiões foram apresentados, destacando diferentes estratégias de crescimento e integração com o mercado internacional.

Executivo da Novonosis que responde pelo setor, Fabrício Leal soma uma visão integrada e detalhada do segmento, conhecimento de temas que atravessam desde o campo até a cadeia industrial e acompanha esse mercado como uma visão 360 graus e ainda além: Leal sinaliza, por exemplo, que a atividade tem dependência de lenha e de outras fontes de biomassa para geração de vapor e calor, o que continua sendo um desafio crítico. “O planejamento de longo prazo em silvicultura energética é fundamental para garantir competitividade”, alerta o especialista.

Outro tema que ele coloca na mesa é a diversificação da origem agrícola. O milho segue como principal insumo, mas alternativas como sorgo ganham importância estratégica, especialmente em regiões com menor



Sustentabilidade, origem, valorização de coprodutos e expansão industrial estão no foco dos debates

disponibilidade hídrica ou fora da janela ideal de plantio. “O sorgo oferece cobertura do solo, resiliência climática e rendimento de amido adequado para etanol”, sinaliza.

Um ponto consolidado como positivo, mas que ainda precisa amadurecer, é a adoção de produtos como DDGS (coproduto feito a partir do milho, usado principalmente na alimentação animal), cada vez mais presentes no comércio internacional, equilibrando momentos de sobreo-

ferta e ampliando a rentabilidade das usinas. As empresas também devem erguer suas plantas já de olho em certificações ambientais, rastreabilidade e métricas de redução da pegada de carbono, que são essenciais para acessar mercados na Europa, Ásia, Japão e Estados Unidos.

O setor no Rio Grande do Sul, em São Paulo e outras regiões mostrou diferentes abordagens de integração agrícola-industrial. Empresas apresentaram investimentos, capacidades de produção

e estratégias para mitigação de riscos climáticos e logísticos. O evento destacou ainda a importância de um planejamento estratégico que integre tecnologia, sustentabilidade e análise financeira.

A presença de instituições financeiras, como o Itaú, reforçou a maturidade do setor e a relevância da modelagem de risco e do financiamento estruturado, além de propiciar visibilidade sobre o interesse de investidores nacionais e internacionais.

Os grandes desafios do setor

O grande pano de fundo da indústria de etanol de milho no Brasil é o fato de que ela cresceu rápido demais para a própria cadeia. Cresceu sozinha, sem planejamento setorial coordenado, e, agora, os elos “esquecidos” viraram gargalos estratégicos.

Biomassa: o gargalo que ninguém planejou

A biomassa (eucalipto) surge como o maior risco estrutural da expansão do etanol de milho. Por que isso ficou crítico agora? O etanol de milho não opera sem biomassa (vapor/energia) e o eucalipto tem ciclo longo (6–7 anos) e já é disputado por papel e celulose. Em pesquisa ao vivo (Mentimeter), a biomassa apareceu como a principal preocupação do público.

Esse não é mais um detalhe operacional. Biomassa virou risco de negócio e tema de política industrial, mesmo sem política pública formal.

DDGS (coproduto/ração)

- ▶ Há gado confinado em larga escala
- ▶ No Brasil mais de 90% do gado ainda é a pasto
- ▶ O principal consumidor potencial não existe na escala necessária

Desencaixe estrutural

- ▶ Avicultura + suinocultura = 70%–80% do mercado de ração
- ▶ DDGS não é ingrediente “tradicional” para monogástricos, falta padronização, confiança e reconhecimento técnico
- ▶ Capacidade de absorção do etanol no mercado

Novas avenidas

Um dos temas debatidos em São Paulo, no evento organizado pela Novonosis, deixou claro que vai ter mais etanol no mercado, por vários motivos combinados. Fatores de aumento de oferta, açúcar menos atrativo (mais cana para etanol), mistura obrigatória já em 30% e expansão contínua do etanol de milho.

O resultado provável é pressão de baixa no preço do etanol, especialmente na próxima safra. As 3 avenidas para absorver esse volume são etanol hidratado, investir desde cedo em combustível sustentável para aviação (SAF) como estratégia de médio / longo prazo, assim como o uso marítimo - ainda incipiente, mas no radar.

O que muda agora?

O setor percebeu que o DGS (ração animal) não pode ser tratado como subproduto, precisa virar produto qualificado, padronizado e com valor nutricional comprovado.

A biotecnologia ainda é uma área de estudo razoavelmente nova, opera com formulações específicas, mas pode ter boa conexão e atuação da Embrapa como ponte direta entre etanol, nutrição animal e competitividade da proteína brasileira.

Expansão do etanol de milho no País impulsiona presença internacional

A gigante norte-americana Katzen International, referência global em engenharia para usinas de etanol e biorrefinarias, transformou o Brasil em um de seus principais focos de atuação — impulsionada pelo crescimento acelerado da produção de etanol de milho no País. Até poucos anos atrás, o Brasil era apenas um segmento secundário para a empresa; hoje, é o maior mercado internacional da Katzen e peça-chave em sua estratégia global de inovação tecnológica.

A empresa, fundada há mais de meio século em Cincinnati (EUA), é especializada em projetar plantas industriais que transformam cereais em biocombustíveis e outros produtos de valor agregado. No Brasil, sua atuação cresceu rapidamente desde 2018, quando projetou a expansão da usina

da Inpasa, em Sinop (MT), inicialmente construída em 2019, e que se tornou a maior planta de etanol de milho do mundo, com capacidade para mais de 2 bilhões de litros por ano.

Segundo Hugo Morais, gerente global de negócios da Katzen e responsável pela operação no Brasil, o País passou, em cerca de cinco anos, de cliente ocasional a um dos principais mercados da companhia fora dos Estados Unidos — com 16 plantas projetadas, das quais 13 já estão em operação e três em construção ou com engenharia quase finalizada. Essas usinas respondem, segundo a empresa, por cerca de metade do etanol de milho produzido no Brasil.

A atuação da Katzen vai além de simples desenho industrial: a empresa oferece design conceitual, revisão técnica, suporte à

compra de equipamentos e comissionamento, garantindo que cada planta opere com máxima eficiência. Para isso, os projetos são adaptados às características locais da matéria-prima e às condições regionais — como clima e biotecnologia disponível — para extrair o máximo rendimento na conversão de amido em etanol.

NOVOS PROJETOS E INOVAÇÃO

Além das plantas de milho, a Katzen também está à frente de projetos inovadores que ampliam o portfólio tecnológico das usinas brasileiras. Um exemplo é o projeto de etanol de trigo liderado para a Be8 em Passo Fundo (RS), com previsão de entrada em operação no final de 2026. Essa planta terá capacidade para processar cerca de 525 mil toneladas de cereais

de inverno por ano — incluindo trigo, triticale e milho — e produzir 210 milhões de litros de etanol, 153 mil toneladas de DDGS (grãos secos de destilaria com solúveis usados em nutrição animal) e 27 mil toneladas de glúten vital, um ingrediente de alto valor agregado.

Esse projeto, além de destacar a diversidade de matérias-primas utilizadas, mostra a tendência de biorrefinarias multiproduto: usinas que não se limitam à produção de etanol, mas também geram energia térmica e elétrica, proteínas para ração animal e outros coprodutos, aumentando a rentabilidade e a sustentabilidade das operações.

IMPACTO NO AGRONEGÓCIO

O crescimento do etanol de milho no Brasil reflete também

um movimento mais amplo no agronegócio nacional, que vem consolidando sua posição não apenas como produtor agrícola, mas como exportador de tecnologia e conhecimento técnico. Hoje, engenheiros brasileiros da Katzen participam de projetos em outros continentes — um sinal claro de que o fluxo de inovação está se invertendo, com o Brasil deixando de ser apenas consumidor de tecnologia estrangeira para ser referência global em eficiência de processos industriais de biocombustíveis.

Segundo Morais, o mercado brasileiro é “rápido, tecnicamente exigente e aprende com velocidade”, o que já permitiu que plantas projetadas no País atinjam níveis de performance que, muitas vezes, superam operações de outras regiões do mundo.

Brasil vira mercado-chave para a Katzen

Com mais da metade do etanol de milho produzido no País já utilizando sua tecnologia de processo, a multinacional Katzen consolida o Brasil como um dos eixos centrais de sua estratégia global. O movimento ganha contornos ainda mais relevantes com a implantação da primeira usina de etanol de cereais do Rio Grande do Sul, projeto que marca a entrada do trigo na matriz industrial do biocombustível e reposiciona o Estado na cadeia energética nacional. Nesta entrevista ao *Empresas & Negócios*, o gerente global de novos negócios da Katzen, Hugo Morais, detalha o papel do Brasil no avanço do setor, os desafios técnicos do etanol de trigo e os impactos econômicos dessa nova fase para o agro e a indústria.

Empresas & Negócios — Como a Katzen enxerga o Brasil hoje dentro da estratégia global da empresa?

Hugo Morais — O Brasil é um dos mercados mais relevantes para a Katzen no mundo, tanto em volume quanto em complexidade técnica. Não estamos falando apenas de quantidade de projetos, mas de plantas grandes, integradas e com alto nível de eficiência. Atualmente, mais de 50% de todo o etanol de milho produzido no Brasil utiliza tecnologia de processo desenvolvida pela Katzen, e esse percentual já se aproxima de 60% com novas unidades en-

trando em operação. Isso coloca o País em um patamar estratégico semelhante ao que a Europa representa para nós no etanol de cereais. O Brasil deixou de ser um mercado emergente e passou a ser um mercado-chave.

E&N — O projeto no Rio Grande do Sul representa uma mudança importante nessa trajetória?

Morais — Sim, representa uma mudança estrutural. O Rio Grande do Sul sempre foi um grande consumidor de etanol, mas historicamente dependente da produção de outros estados. Com o projeto desenvolvido para a Be8, estamos falando da primeira usina de etanol de cereais do Estado, com capacidade de operar não apenas com milho, mas também com trigo. Isso muda completamente a lógica regional, porque cria produção local, reduz custos logísticos e abre uma nova alternativa industrial para um grão que já faz parte da identidade agrícola do Sul.

E&N — Por que o trigo é tão desafiador do ponto de vista industrial?

Morais — O trigo tem características muito diferentes do milho. Ele possui maior viscosidade, presença de glúten e um comportamento do amido que exige um controle muito mais rigoroso do processo. Se a planta não for desenhada corretamente, o processo simplesmente não flui, pode haver entupimentos e perda

de eficiência. Na Europa, onde o trigo é amplamente utilizado para produção de etanol, a Katzen acumulou décadas de experiência ajustando equipamentos, tempos de cozimento, fermentação e destilação. O grande diferencial foi trazer esse know-how europeu e adaptá-lo à realidade brasileira, tanto do ponto de vista agrícola quanto operacional.

E&N — Qual o impacto esperado dessa planta para o mercado gaúcho?

Morais — A estimativa é que a unidade consiga suprir cerca de 20% da demanda de etanol do Rio Grande do Sul. Isso é bastante relevante para um estado que hoje importa grande parte do combustível que consome. Além disso, há um impacto direto na cadeia produtiva local, porque o trigo passa a ter uma nova alternativa de comercialização, além dos coprodutos gerados pelo processo, que também têm valor econômico importante. É um projeto que conecta energia, agroindústria e logística de forma integrada.

E&N — Qual é exatamente o papel da Katzen nesses projetos?

Morais — Nós atuamos como a engenharia de processo, como o arquiteto da usina. Desenvolvemos todo o projeto conceitual e básico: moagem, cozimento, fermentação, destilação, desidratação, recuperação de coprodutos. Não fabricamos equipamentos. O cliente contrata fornecedores lo-

cais ou globais, e a Katzen revisa, aprova e acompanha tecnicamente todas essas etapas. Também participamos do comissionamento e do start-up, treinando a equipe de operação para garantir que a planta atinja o desempenho esperado.

E&N — O que diferencia a tecnologia da Katzen em relação a outras disponíveis no mercado?

Morais — O principal diferencial é a eficiência de conversão. Hoje, as plantas projetadas pela Katzen no Brasil alcançam cerca de 440 litros de etanol por tonelada de milho, um dos melhores rendimentos do mercado. Isso não vem apenas de um equipamento específico, mas de um conjunto de decisões de engenharia: desenho dos tanques, controle de processo, integração entre etapas e flexibilidade operacional. Mas é importante destacar que tecnologia sozinha não faz milagre. É preciso também uma boa operação, boas enzimas, boas leveduras e disciplina industrial.

E&N — A Katzen trabalha apenas com milho e trigo?

Morais — Não. Globalmente, já desenvolvemos projetos utilizando sorgo, cevada, centeio, mandioca, melaço e até resíduos industriais, como soro de leite. Basicamente, se houver açúcar ou amido disponível, conseguimos desenvolver um processo industrial viável para produção de etanol. Essa diversidade de matérias-



Morais destaca que futuro do setor passa pelo etanol de cereais

-primas é uma das grandes forças da empresa, porque nos permite adaptar a tecnologia às características de cada país ou região.

E&N — O avanço do etanol de milho no Brasil ainda tem espaço para crescer?

Morais — Sem dúvida. O Brasil ainda está em um estágio inicial quando comparado aos Estados Unidos. O diferencial brasileiro é a integração com o agro e a possibilidade de diversificação de matérias-primas. O projeto do Rio Grande do Sul é um bom exemplo disso: ele mostra que o futuro do setor não é apenas milho, mas etanol de cereais, com soluções adaptadas às vocações regionais. Esse movimento tende a ganhar força nos próximos anos.

MINUTO VAREJO

Asun aposta em importados para elevar receita

Rede amplia categorias de marca própria e projeta triplicar fatura com produtos exclusivos

Patrícia Comunello

patriciacomunello@jornaldocomercio.com.br

O mundo virou um fornecedor que está fazendo toda a diferença na estratégia da rede Asun, com 40 lojas (36 supermercados e quatro atacarejos), entre Região Metropolitana, Litoral e Centro do Estado, para diversificar linhas e elevar receita. O Asun já tem 150 SKUs (produtos e apresentações diferentes) de importados com marca própria e exclusivos e quer chegar a 7% do faturamento de 2026 com marcas próprias, com fatia hoje de 2%, revela o gerente de importação, Lucas Ortiz. O grupo faturou R\$ 1,6 bilhão em 2024, quinta colocação do setor gaúcho. “É mais venda, com preço competitivo”, explica Ortiz.

Na ação com importados, está em pauta definir se haverá marca única para alimentos, de azeites a molho de tomate e massas. O cardápio geral tem pet e bazar. Ainda em 2026, mais produtos vão entrar no mix. Para o inverno, serão pantufas e guarda-chuvas. “Vamos ter produtos de qualidade com preço muito em conta. Vai esgotar”, garante Ortiz. Na área de alimentos, devem ser ampliadas as opções. Outra definição que está sendo amadurecida é ter uma marca única para alimentos, para trabalhar melhor com consumidores, esclarece o gerente. A rede vende ainda para micro e pequenos varejos, com preços mais baixos, avisa ele.

No bazar, está a maior diversificação. Tudo começou em 2025 com garrafas e copos térmicos, com estreia da marca Valencia, homenagem à avó de Ortiz, dona Asunción, espanhola, que morreu em 2017. A marca também foi o laboratório de desenvolvimento de mais linhas, além



Ortiz lidera área que desenvolve marcas e busca fornecedores com volume e preço para atrair clientes

de cadeia de importação, que é feita diretamente pela nova área comandada pelo gerente. No ano passado, em meio à explosão de preços do azeite, a rede criou a Echioliva, com 60% da venda. A marca também tem massas e molhos de tomate. Guarda-sol, no bazar, é o mais vendido na temporada de verão. “Até o fim do ano, vamos ter ain-

da itens de decoração natalina”, adianta Ortiz. O segmento mais recente lançado foi de acessórios para pets, com a Mascoti. A rede espera elevar 70% a venda.

Até o produto chegar ao cliente, tem um trabalho de identificação de fornecedor. No bazar, a China é a maior fonte. Alimentos se dividem entre Itália e Espanha. “Conseguimos achar for-

necedores com preço e volume que não são tão grandes e colocamos nossa marca”, descreve o gerente. Para chegar às lojas, os itens entram por portos em Santa Catarina e o de Rio Grande. “Temos exclusividade e conseguimos ser mais competitivos no mercado nacional e com produtos de qualidade. O preço é, em média, 30% menor”, aponta ele.

Amazon divulga mais vendidos e reforça concorrência com supermercados

Quem vai liderar o varejo de itens essenciais comprados pelas famílias brasileiras nos próximos anos? Supermercados e

atacarejos, hoje os lugares mais buscados para compra de alimentos e materiais de limpeza e higiene pessoal, estão com o

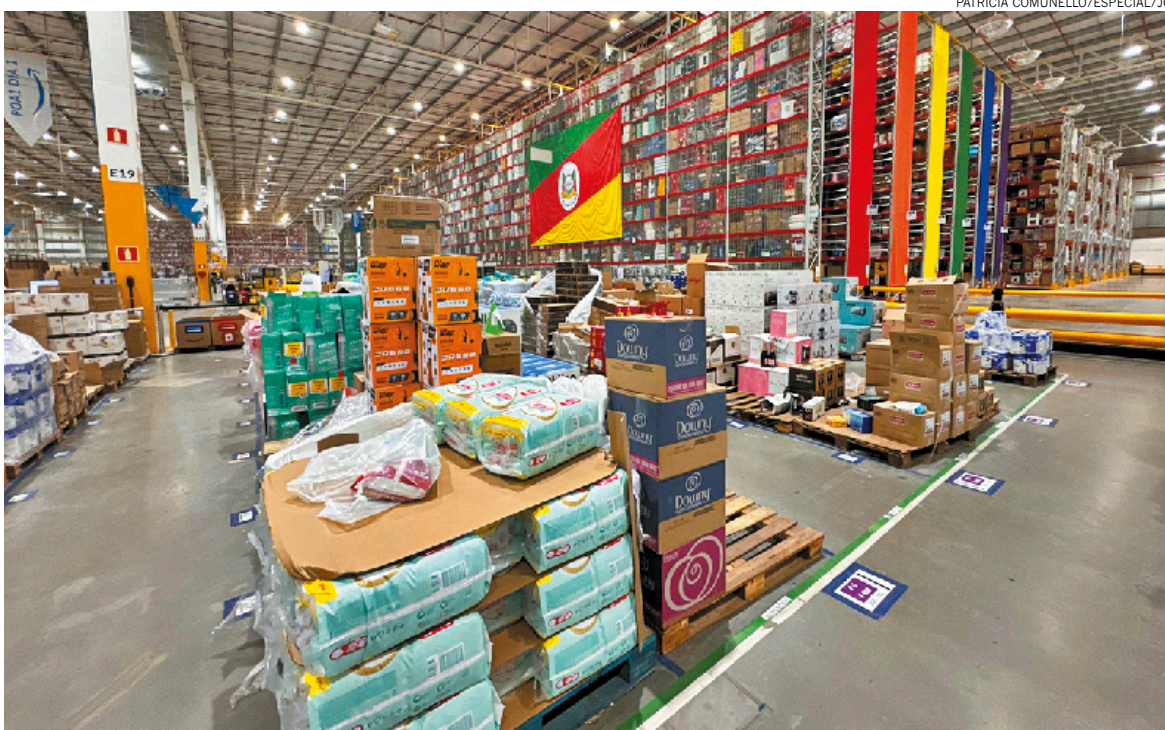
posto cada vez mais ameaçado pelas gigantes de e-commerce. A Amazon acaba de divulgar que 95 de cada 100 itens mais vendi-

dos são justamente desses segmentos. Outros players também ganham mais e mais fatias desse mercado. O que acontece no Brasil é exatamente o que se vê nas maiores economias: Estados Unidos e China. A plataforma do bilionário Jeff Bezos, que tem como maior programa de fidelidade o Amazon Prime, informou que os mais vendidos são os que lideram a entrega no mesmo dia ou no seguinte. Sócios do Prime têm frete de graça. Fraldas, sabão em pó, óleos para cabelo, loção corporal, ketchup e café são os mais comprados.

Por que companhias como Amazon fazem tanto sucesso e entram na preferência para compra? As big tech são craques em rapidez, graças à malha logística (a Amazon tem 250 centros logísticos, entre CDs gigantes a postos de entrega nas cidades) montada com uma velocidade exponencial pelo País. “Elas usam até transporte aéreo”, citou o CEO do grupo

Passarela, player catarinense de atacarejos, Alexandre Simioni. Em videocast do Minuto Varejo, Simioni chamou plataformas como Mercado Livre, de “concorrente invisível” e disse que já alertou colegas sobre a velocidade com que as plataformas estão tomando a venda dos supermercadistas.

Em 2025, a Amazon entregou mais de 50 milhões de itens no mesmo dia ou no seguinte. A pesquisa “O Luxo de Ganhar Tempo”, feita pela marca com a HarrisX, indicou que nove em cada 10 clientes consideram entrega rápida e frete grátis determinantes na compra. Mais de 55% das pessoas se sentem pressionadas pela rotina. Quase 30% dos moradores do Sul relatam a sensação de estar constantemente apressados, acima de 25% do Sudeste. Quatro em cada 10 ouvidos dizem que a entrega rápida faz diferença. O fator pesa mais para 50% de jovens de 25 a 34 anos.



Fraldas estão entre os itens mais processados no CD de Nova Santa Rita para entrega no Estado

RESPONSABILIDADE SOCIAL



Crianças e adolescentes músicos são os protagonistas das apresentações

Orquestra Jovem do RS transforma trajetórias

Projeto une ensino musical, inclusão social e desenvolvimento humano para crianças e jovens de baixa renda de Porto Alegre e da Região Metropolitana

Sofia Kramp Leke
sofia@ojrs.com.br

Criada em setembro de 2009 pela necessidade de prover oportunidades de aprendizagem, a Orquestra Jovem do Rio Grande do Sul atua como um projeto que une formação musical, inclusão social e desenvolvimento humano para crianças e jovens de baixa renda de Porto Alegre e da Região Metropolitana. Administrada pela Associação Orquestra Jovem do Rio Grande do Sul, a iniciativa completou 15 anos de atividades em 2024, quando consolidou um modelo de educação cultural que vai além do ensino técnico e impacta diretamente a vida de seus participantes.

Na temporada de 2025, o projeto passou por um período de grande intensidade, contando com mais de 150 alunos ativos, além de mais de 5 mil pessoas diretamente alcançadas em teatros, auditórios, eventos comunitários, escolas e iniciativas formativas.

Cada ação dessa temporada foi planejada e organizada com o objetivo de potencializar o aprendizado e crescimento pessoal, assim, transformando vidas através da música.

Para fins de inscrição, o projeto atende jovens entre 10 e 24 anos da rede pública de ensino, selecionados por meio de um edital público anual com duração aproximada de 30 dias para o cadastro. Entre os critérios de seleção estão a matrícula e a frequência escolar, além da renda familiar mensal por pessoa de até meio salário-mínimo, o CadÚnico (Cadastro Único), ou até três salários-mínimos por família. Um dos pontos centrais do projeto é que os alunos não precisam ter conhecimento musical prévio, o que amplia o acesso e democratiza a formação artística.

A presidente da associação, Carla Zitto, explica que os participantes não precisam ter nenhum tipo de conhecimento de música. “Eles se inscrevem porque têm vontade, porque querem se aprofundar nesse mundo. A música por si só tem o poder de sensibilizar a gente, os jovens trazem o talento e nós trabalhamos e desenvolvemos essas habilidades a partir do que eles já possuem”, aponta.

Desde a sua criação, o verdadeiro significado da orquestra

permanece o mesmo, e a música continua sendo o ponto de partida para um processo mais amplo de formação humana, social e profissional. A orquestra conta com alguns projetos para este ano, entre eles o planejamento de um grande encontro de alunos e ex-alunos, concertos com músicos gaúchos e o objetivo anual de seguir ampliando o projeto e o número de alunos. “O grande planejamento é ampliar os horizontes da orquestra, trazendo mais jovens e mais assistência para eles. Queremos que eles tenham convivência com músicos já profissionais daqui e de fora do Estado. Essa é uma das grandes ideias para 2026”, afirma Carla.

As atividades acontecem de segunda a sexta-feira, no contraturno escolar, das 14h até às 17h30min. Os alunos participam de aulas de teoria musical, prática instrumental e ensaios coletivos, organizados em todos os níveis, do iniciante ao avançado, onde eles possuem contato direto com os instrumentos que compõem uma orquestra sinfônica, como violino, viola, violoncelo, contrabaixo, percussão, trompa, trompete, trombone, tuba, flauta transversal, clarinete, oboé, fagote e piano. Além disso, o projeto propõe temas ligados à cidadania, saúde e convivência social.

Projeto une formação musical, cidadania e oportunidades

Ao longo de mais de uma década de atuação, a Orquestra Jovem do Rio Grande do Sul (OJRS) construiu um modelo pedagógico que combina ensino musical estruturado e formação cidadã. A dinâmica de funcionamento da orquestra é baseada no trabalho em grupo, na disciplina e, acima de tudo, na escuta, elementos que refletem tanto o desenvolvimento artístico quanto o desenvolvimento pessoal dos jovens. “A nossa missão continua sendo transformar a vida desses jovens e dessas crianças, dar oportunidades de vida por meio da música”, conta a presidente da associação, Carla Zitto.

Para ela, a vivência coletiva é um dos principais aprendizados do projeto. “Uma orquestra é um organismo vivo. Todos precisam se ajudar, cada um tem o seu tempo”, enfatiza Carla. Segundo ela, essa experiência contribui para que os jovens desenvolvam valores como responsabilidade, solidariedade e respeito ao outro, princípios fundamentais para a vida em sociedade. A estrutura pedagógica da OJRS, organizada em níveis de aprendizagem, contempla aulas individuais, por instrumento, por naipes e em grupos orquestrais. O objetivo é garantir que cada aluno tenha acompanhamento adequado ao seu estágio de desenvolvimento, ao mesmo tempo em que aprende a atuar em grupo.

A organização enfrenta, desde a sua criação, um desafio constante: garantir a permanência de crianças e jovens interessados no aprendizado musical. Ao longo do ano, é necessário que os alunos mantenham comprometo

timento diário com os estudos, respeitando calendário, plano de atividades, metas e objetivos. Do outro lado, a orquestra lida com diversos obstáculos para assegurar condições adequadas de formação, como logística de transporte, alimentação, figurino e locais de ensaio. Ainda assim, o projeto oferece manutenção dos instrumentos, lanches durante as atividades, dinâmicas complementares, transporte para aulas e concertos, além de uniformes como camisetas, moletoms e trajes para os recitais, criando um ambiente mais estável, seguro e acolhedor para o desenvolvimento musical e humano.

Além da formação musical, a orquestra investe na preparação profissional dos participantes. Jovens a partir dos 14 anos integram o programa Jovem Aprendiz na área da música, desenvolvido em parceria com a Fundação Pão dos Pobres e empresas apoiadoras. A iniciativa, que ocorre como benefício da Lei da Aprendizagem, permite uma primeira experiência formal de trabalho na área cultural, visto que fortalece a autonomia e a perspectiva de futuro de cada um dos alunos. Já os participantes mais jovens, recebem Bolsa Formação, que contribui para a permanência no projeto.

Os resultados desse processo são visíveis ao longo dos anos. “Temos jovens que começaram em 2009, já se formaram na universidade e hoje são professores dos novos alunos”, relata Carla. Para ela, esse retorno demonstra o impacto duradouro da iniciativa, que forma não apenas músicos, mas cidadãos mais conscientes na sociedade.



Atividades acontecem de segunda a sexta, no contraturno escolar



Banri
Global
Account

Taxa única: o upgrade que sua conversão precisava.



Banri Global Account com **IOF e Spread unificados** é mais dinheiro na conversão da moeda.

- **Conta Internacional multimooeda:** Dólar Americano, Euro, Libra, Dólar Canadense e Dólar Australiano.
- **Cotação comercial.**
- **Sem tarifa de manutenção.**
- **Use no mundo todo:** viagens, compras internacionais e free shops.
- Controle tudo no **app Banri Global Account.**

Abra sua conta gratuitamente:



Banrifone
Porto Alegre (51) 3210 0122
Interior e Outros Estados 0800 541 8855

SAC 0800 646 1515
Ouvidoria 0800 644 2200

Baixe o app:



banrisul

Siga nossas redes sociais:

